



SUPLEMENTO

ACRE

The word 'ACRE' is rendered in a large, bold, black font where the letters are filled with a dense, stippled texture of small black dots.

ouro preto_mg

//edição quatorze

editoraameopoema@gmail.com
[facebook.com/ameopoema](https://www.facebook.com/ameopoema)

esta máquina
mata fascistas





SETE anos comendo corações e mentes desavisadas pelas ruas dessa vida. Sete anos engolindo aspas, e vomitado reticências... Sete anos se debatendo feito animal em cio na lua cheia da rua de ignorâncias multiplicáveis. A arte salva. Salva da cegueira que o mundo impõe, salva da fome que a gente sente ao não querer nascer e morrer somente. Existe um abismo entre as nossas escolhas e pulamos com os pulmões abertos e um maço de Hollywood vermelho no bolso. A vida é um caos. E a literatura é como umas duas pedras de gelo nessa boa dose de caos. Ela vem para que possamos aguentar o sol queimar os nossos olhos, para que possamos curar nossos corações na varanda da tarde que sempre nos mostra as contas não pagas e as tarefas não concluídas do dia. Sete anos de vida de uma revista aqui na Terra Brasilis é coisa para “daná”, é muita letra que correu por nossos papéis, muita gente que nos apoiou, muita gente que comprou a briga junto com a gente. Porque sabemos, e muito bem, que ser independente é muito mais que um rótulo gourmetizado para se conseguir uma transa qualquer. Mas a vida é bela, simples e suave - suave coisa nenhuma, mas a gente senta ao cair do abismo, acende um cigarro e fuma delicadamente cada hora contada desse fim que é escrever e querer viver de e para uma arte tão ingrata quanto a poesia. Com amor e alegria.

Rômulo Ferreira II [fb.com/silhuetaartzine](https://www.facebook.com/silhuetaartzine)



SUPLEMENTO

ACRE

ouro preto_mg

//edição quatorze


editoraameopoema@gmail.com
facebook.com/ameopoema

esta máquina
mata fascistas



SUPLEMENTO ACRE

março | abril | maio 2019 – OP_MG
edição 14

 tiragem infinita
vários colaboradores



Come Ananás mastiga perdiz, teu dia está prestes, burguês.

Come Ananás (1917)
tradução Augusto de Campos
Maiakóvski - Poemas (edição 2017)

capa em stencil por: fb/silhuetaartzine
edição e finalização: fb/studiob2mr
organização: AMEOPoEMA
ameopoemaeditora@gmail.com
fb.com/ameopoema

Augusto de Campos (SP) // Isabela Saramago (RJ)
Marsailhe A. M. de Azevedo (??) // Inst. Afinando Vidas (MG/SP)
Sofia Brito (SC) // Anita Guerra (RJ) // Barbara Ivo (SP)
Ricardo Rodrigues (RJ) // Reginalda Silva (CE) // Sérgio da Luz (SP)

nesta edição: Gabriel Lemes de Souza (MG) // Tiago Rafael dos Santos Alves (SP)

Hamilton Leôncio (MG) // Paulo Cezar Tórtora (RJ)
Gabriel Bicho (RO) // Flavia Alves (MG) // Rebeca de Oliveira (BA)
Laíla Santos Le Moigne (MG) // Tauã Lima Verdan (ES)
William Marcom (??) // Mayara Cabeleira (SP)
Podre Flores (SP) // Marcondes P. da S. de Mesquita (SP)
Débora Andrade (RJ) // Sara Martins Ramos (TO)
Dulce Maria D'Assunção (MG) // Isabelle Passos (SP)
Gabriel Savaris Ignácio (RS) // André dos Santos (RJ)
Marina Dias Paiva (MG) // Elidiomar R. da Silva (RJ)
Antônio Vitorino (PORT) // Allysson Gudu (MG)
André Luis M. Galvão (BA) // Eduardo Sacramento (RJ)
Leandro Serpa (SC) // Bruno Alves (SP) // Felipe Leal (RJ)
AMEOPoEMA // Gabriela Barbosa (DF) // Nelson Neto (RJ)
Guirmano (SP) // Torquato Neto (PI) // Rômulo Ferreira (MG)



editora
AMEOPoEMA

Bmr
studio gráfico
fb.com/studiob2mr

Notas de esclarecimento:

PREVISÃO PARA DIAS CINZAS

*Permita-se
perder o controle.*

Sofia Brito
behance.net/sofiasbrito

Nota0: Os dias das cidades são cinzas;

Nota1: O deslocamento não depende da trajetória, e sim do traço deixado no mapa. Representa a medida em linha reta entre a posição inicial e final, um registro de percurso;

Nota2: A distância ou espaço percorrido é marcada pelo acúmulo da trajetória, pode ser quantificado e até mesmo esvaziado;

Nota3: A nebulosidade é um fenômeno que indica nossas tentativas de ser e estar no mundo;

Nota4: O vento é errante por definição e é caracterizado de acordo com a intensidade e direção em que se movimenta;

Nota5: A pressão aumenta conforme o tamanho da coluna de ar que incide sobre sua cabeça. Ou seja, quanto maior a pressão, mais ar disponível;

Nota6: As linhas de instabilidade caracterizam-se pela presença de fortes precipitações e frentes de confronto;

Nota7: Em uma tentativa de preservar suas identidades, o encontro de duas massas de ar distintas cria descontinuidades ao longo da zona de contato;

Nota8: Dizemos que o tempo está firme quanto o contexto está estável;

Nota9: Quando expostos a variações climáticas podemos conhecer nossa capacidade adaptativa e experimentar a condição vulnerável de nossos corpos.

Me engula, me beije, me cuspa, me vire de quatro, me embrace os cabelos,
me aperte forte o pescoço e eu prometo, eu prometo

Sacrifício

Anita Guerra
anita.rg@hotmail.com

EXCLUSÃO

Exclusão é como uma erva daninha
Erva que se espalha e
penetra nos locais mais inocentes
Chega sem ser convidada
Age com muita propriedade
Devasta culturas,
Pela raiz corta possibilidades
Inibe o crescimento...
Sem intervenção direta
não apresenta solução
Apenas a discórdia e a tristeza para disseminar
Sua instituição primitiva e obtusa
Deixa de buscar o caminho da evolução
Investe em seu caminho a involução de todo outro resto
Sem sobra ou espaço para mais nada
Fechada e impávida no regresso
Não respeita outra opinião
Nem diálogo que jamais alcance.
Necessita-se de educação
Educação para raízes espalhadeiras
Penetrarem sobre novas vertentes
Dos filhos que prosperam o germe da verdade
Que um dia acredito,
lá no fundo de minha alma
infinitamente universal
Ser possível,
nunca mais se pensar existir a exclusão.

Marsailhe Alvim Milward de Azevedo



Pedalando no Tempo
Poesia e Bordado por **Isabela Saramago**, 2018

AFRONTAMENTO

Alto da tarde
topo do morro.
Linhas quebradas
dos galhos de árvores
formavam entalhes
desenhos de ambição.
Mãos teimosas
contorcidas de desejo.
clamando subir ao céu.
Lá de cima,
nuvens ciganas
numa dança brejeira
zombavam daquele drama...
árvores em amarguras
determinadas alcançar as alturas,
semelhante a mitológicas figuras
Furiosos titãs em afrontamento
desejando tomar o firmamento
mesmo sabendo-se presos ao solo.

Ricardo Rodrigues
rodriguesufrij@yahoo.com.br

OLHAR E VER Barbara Ivo barbaraivo3@gmail.com

Aqueles olhos negros não saem da minha cabeça. Não são uma obsessão ou qualquer tipo de visão perturbadora. São a ponte que me levam para o infinito.

A primeira vez que vi aquele olhar eu estava coberta da dor, do medo, uma aflição de passado. Meus pensamentos sangravam. Os dias pareciam longos demais para caber tanto desassossego. E curtos demais para encerrar a sensação de solidão. Eu estava sentada, olhos fechados. Buscava me concentrar na melhor vibração. A incerteza se materializava em pranto sem fim. Lágrimas queimavam minha face, estavam quentes. Larva fervida que escorre do vulcão em erupção. Então eu ouvi sua voz dizer, olhe pra mim para eu te desejar o axé. Conheci, então, o portal que me levaria para o encanto, aqueles olhos negros. Uma viagem que ainda reverbera dentro de mim.

Desde então cada vez que meu olhar se cruza com aqueles olhos o peito aperta num transbordar materializado em lágrimas. Agora doces lágrimas. Não é choro de tristeza. É um não caber no peito de tão bem que faz. Sem explicação racional.

O brilho daqueles olhos sabem me ler. E fazem a boca pronunciar as palavras clamando por exatamente aquilo de que eu tenho fome. Da primeira vez foi a tranquilidade, que logo se instalou em mim com a suavidade de abraço de mãe. Da última vez aquele olhar de brilho intenso mais uma vez se estendeu como ponte para me levar além. E rogou que a mim chegasse um grande amor.

O BRASIL QUE EU QUERO

Reginalda Silva // profregisilva@gmail.com

Sou mulher e professora
do sertão do Ceará
minha cidade é pequena
esse é meu lugar.

Quero um lindo Brasil
não pro futuro somente
com boa educação e saúde
desde agora, no presente.

Quero crianças brincando
sem medo de bala perdida
quero idosos sonhando
com muitos anos de vida.

Quero leis que favoreçam
a cultura, a vida e a paz
e que traga benefícios
aos bons profissionais.

Que possamos em eleição
escolher bem nossos gestores
pra governarem o país
com a cabeça e o coração
que não nos tragam temores
e que façam a gente feliz.

A OUVINTE

Sérgio da Luz
sergiodaluz88@hotmail.com

Não entedia o que as palavras diziam, mas sabia que eram belas e a entonação dava certa grandiosidade ao discurso. Nesses momentos sentia-se arrebatada como se fora um ser escolhido para o qual aquelas sílabas se dirigiam. Se ela fosse um povo, seria naquele momento, o povo eleito por Deus. Esquecia-se de sua ignorância e da falta de habilidade para com as palavras, pois ali era possível ser uma outra mulher. Como se tocada pelo divino. Quem a olhasse veria em suas expressões o êxtase de Santa Teresa. Entretanto aquele discurso acabava, assim como seu êxtase e ela então voltava a vida cotidiana.

Era uma senhora na casa dos sessenta, daquelas que diziam ter o primário, ou seja, sabia ler o que estava escrito. Era denominada dona de casa, entenda-se aquelas mulheres que vivem para marido, filhos e os chamados assuntos domésticos. Mas na verdade, em seu íntimo, ela dava era para outras coisas: seu dom era entrar em êxtase com as palavras. Digamos que ela nascera para isso e a vida lhe aproveitou mal, tivesse mais condições poderia ela também brincar com as palavras.

SAUDADE

Desfio a agonia de minha saudade
Nos vãos subterrâneos da minha insônia
Quando tua lembrança, sem cerimônia,
Aguda, retalha, enquanto me invade.

Invento sóis no inverno da tua ausência,
Na aridez do teu silêncio crio jardins,
No vazio da tua mudez soo clarins.
— O sonho e a realidade em coexistência.

Lenta, a engrenagem do tempo se arrasta
Encurtando o espaço que nos afasta
Em nossa atroz e apaixonada trilha.

Um dia essa angústia que nos vergasta,
Com o encontro, haverá de ter um basta,
Pois o amor é joia que pra sempre brilha.

Paulo Cezar Tórtora
pctortora@gmail.com

O AMOR É UM PÁSSARO DO TEMPO

te amo quando sofro,
e te amo assim,
bem mais que mim,
pois, por ti sofro,

amo de não saber viver,
ao ouvir a voz da falência,
num canto sem existência,
pela falta de te ver,

ainda amo porque sei,
o quanto me faz sentir,
que existo ao teu existir,
igual ocê não mais verei,

e se te amar for passageiro,
que essa espera se acabe,
mas te confesso, nega, quinda cabe,
afinal, nimim, aindé amor, o tempo inteiro,

Gabriel Bicho
gabrielbicho.com | fb.com/gabrielohcib

AS GARÇAS

Gabriel Lemes de Souza
glemesdesouza@yahoo.com.br

As garças não respeitam o horário de verão. Na verdade, nem sabem que ele existe: apesar de serem pontuais com a hora de voltar para o ninho.

Quando o relógio marca cinco e meia, seis e meia no horário de verão, lá vão elas, rasgando o céu na conjuntura de uma formação militar: que também pouco conhecem. A primeira garça sempre orienta as demais.

Como ficam bonitas no céu da tarde!

Quando o sol quase dormiu e poucas nuvens se vê no céu, Ficam tão branquinhas no meio daquele azul profundo, Com as serras, que cuidam de emoldurar a porção inferior do quadro.

E a luz que guia toda a cena: tremenda!

Rasteja aos poucos em direção à escuridão da noite, Acariciando o voo das garças, o contorno das serras e o olhar do espectador.

MAR BRAZILEIRO

Ó mar vermelho, quanto da sua cor
São lágrimas de um país em dor!
Ao nos cruzar, quantas famílias chorarão,
Quantos filhos em vão rezarão!
Quantos ficarão a esperar,
Aqueles que nunca mais irão chegar!

VALE a pena? Nem sempre VALE a pena
Se o que se almeja a alguém condena.
Quem quer passar além da lama
Terá que passar por esse drama.
Os deuses ao homem sabedoria deu,
Mas este parece que disto se esqueceu!

Tiago Rafael dos Santos Alves

tiagorsalves@gmail.com

**foto: Hamilton Leôncio - Ouro Preto
(detalhe)**





MINHA NOSSA!

Rebeca de Oliveira
rebeca_.oliveira@outlook.com

TORQUATO O GATO

Torquato o gato é pequenino
de montão, que traz tristeza no bolso e
felicidade no coração.

Torquato o gato muito sofreu na escuridão,
mas quando se abre uma fresta da porta do coração
já vai se espalhando de montão.

Laíla Santos Le Moigne
10 anos estudante da 5ª série
Amiga do Torquato

O encontro do nó e da fossa. O medo de amar virou nó, este deu uns dois passos para trás e caiu numa fossa. Diante da música não se pode parar de dançar, ele rebobinou quando saiu do lugar. Foi um drible, mas caiu na armadilha, o nó tentou se desviar do amor de um outro ser.

Mas um buraco estava lá, o espaço vazio pronto para se preencher. Além do nó, lá dentro tinha gotas de orvalho e um enorme espantalho. O nó se apertou e deu um estralo, a fossa tremeu sem entender. As terras vibrantes queriam amor ou os frutos saíam sem força e sem cor. O nó endoideceu, pois tinha pavor, queria mesmo era sair desse furor. Do espantalho se ouviu um barulho. Era o vento que se encostava nele sem voz, rouco e doente, pois andava meio atroz. Tudo, então, parecia sombrio.

O nó de tanto se apertar estava por um fio. A fossa gemeu, mais e mais – por que o nó tinha que ter andando para trás? – Do orvalho fez-se lágrimas, não havia jeito. Para ter amor no coração precisava de peito. Mas, o espantalho que peito teria fez o nó pensar que solução havia. Foi devagarzinho de aperto em aperto até o dito cujo. A fossa era larga, o caminho agudo. Se bateu de frente com toda força do mundo, o peito se abriu e o nó voou fundo. Eis o coração. Batia numa enorme vibração e o nó se deixou levar pela energia, começou a se desmanchar até que não mais existia.

Caiu na fossa e lá ficou.

Tudo isto porque não amou.

URBAN IDADE

Tauã Lima Verdan
taua_verdan2@hotmail.com

Ilustra: **William Marcom**
Observação nº 29 - 2017
william.devires@gmail.com

Os meus pés cansados pelo caminho
Andam por uma senda em desatino
Perdido depois de tantos embaraços
Sigo a trilha em total descompasso

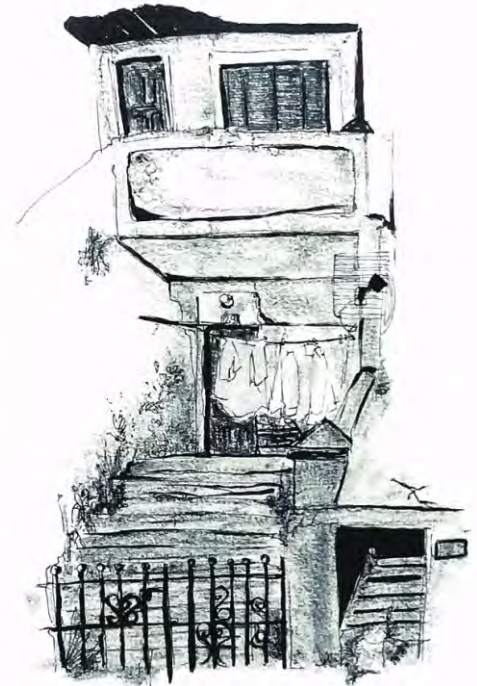
Os prédios altos formam um labirinto
Entre as armações de concreto, eu sigo
Desafiando-me entre ruas de cimento
Sufocando, assassinando o sentimento

As pontes pendem como forcas armadas
Um abrigo para almas desabrigadas
Perdidas numa complexa existência
Sobrevivem marchando em latência

Cenário cinzento de gritos abafados
De pedidos e sonhos despedaçados
No vai e vem das ruas e tortas vias
Vagando perdido tal como as erradias

Urbano o ambiente da cidade pulsante
Voraz é a humanidade no grito agonizante
Entre os prédios com desatinos cambaleantes
E com “ais” perdidos em tons suspirantes

Na urbanidade urbana descontrolada
Vivem vidas em agonia, desmensuradas
Tateando uma busca de vontades incoerentes
Perdidas, aplacadas em um querer inexistente



ORÁCULO POSSESSIVO

Marcondes Pereira da Silva de Mesquita

Computador
diverte, informa
e reduz distâncias.
Oráculo separador.
Solidão ganha forma
e cria novas circunstâncias.

Computador,
o oráculo possessivo
pode te deixar ansioso
e com problemas de sono.
Mundo virtual isolador.
encontro e reencontro obsessivo.
Sem ele, você fica até nervoso
e sente um enorme abandono.

Escrever como se fosse um delta, submerso a ponto de não existir

Sara Martins Ramos
sarablueramos@gmail.com

do baque o rebate
um rio com raiva hoje
avança no mar sereno

olhar no espelho
e ver o encontro da fuga

COPAS

Débora Andrade
dandrade954@gmail.com

Criação que cria. Cria ação, atura.

Feita por mãos vindas dos céus, em formas perfeitas,
Tão deusa, quase santa, com dose doce de pecado entre curvas.
É dona de pranto, de canto, tem manto, tem amor para cura.

Donas de sorrisos francos e risos cênicos,
É poesia que emerge das pedras,
É prosa que sucumbe as dores,
Pinta arco-íris em qualquer cinza com suas cores.

É silêncio.
Destes que sabem invadir barulhos, rimando versos agudos.
Corpo, misturado com alma,
que repele o medo com sorriso e abraça o futuro no ventre.
É quem vive, não só aguenta.
Que tem a ternura nas mãos reticentes de arte.
Dona dos mapas que a cabeça dança,
pinga sorrisos e esbanja elegância.

Dona de um mundo que cabe no colo,
no verso, na capa, no pão, nos olhos. Contorcionista
das dificuldades, malabaristas das objeções.
Maria, Ana, Rita, Joana...
todas, tantas e muitas. Nenhuma igual a outra.
Todas elas, gigantes. Mulheres. Deusas, não santas. Mulheres.

obedientemente submetidos
eles estão imóveis
degustando a miséria cotidiana
assistem telejornais
passam os olhos nas manchetes
mastigando seus ovos matinais
no campo banhado de sangue
o coro em nome de um país
para se repor as gangues
e implantar ódio pela raiz
recolocar reposicionar reformar
para realocar e pressionar
todos os lados
entre abismos e caminhos
fazendo tropeços
como um boomerang
tentam trocar e inovar
em vão, só voltam
ao começo clientelista
substituindo governos
mantendo o Estado
e interferindo até nos estados alterados
choram a corrupção
qualquer chavão justifica sua marcha
é da polícia, é da família, do menino jesus
do menino jesus, da polícia, da família
do pato e do sapo
mas dizem que “o importante é a união dos brasileiros!”
amor ao próximo escarrando ódio e massacrando peão pequeno

a marcha do

bom cidadão

mayara cabeleira

mayaracabeleira@gmail.com



Podre Flores

instagram.com/podreflores/

emaildopodre@gmail.com

A ESPERA

Hoje me vi como se fosse ontem
Como se fosse no passado bem longe
Numa época que não existiam rádios
Nem telefones, nem nada.
A não ser mensageiros a cavalo, a pés,
Em estradas incertas
Levando o que tinha de mais precioso.
A palavra escrita e feita em versos,
Para acalmar os corações nos caminhos certos,
De quem ficou ansiosamente esperando
Notícias de um amante
Ou
Mesmo de pessoas amigas.
E que por um motivo qualquer tiveram que partir.
Esperando...
No passado no presente, no futuro...
Guardando as lembranças do passado
Abrindo as lembranças do presente
E as aguardando para relembrar no futuro
E logo no dia seguinte espera-se novamente,
As cartas sonhadas dessa longa espera!

Dulce Maria D'Assunção
ateliermda@gmail.com

ESTRATÉGIAS OBLÍQUAS PARA O OTIMISMO:

Isabelle Passos

belle_passos@hotmail.com

1. Coma pelo menos uma banana por dia
2. Capture plantas da rua
3. Mude seu nome toda vez que trocar de roupa, faça isso até esquecer seu nome original
4. Mate todos os homens com quem você já transou. Envie seus ossos para o mar com flores
5. Ria na cara do perigo
6. Só compartilhe notícias falsas sobre golfinhos no seu facebook
7. Grave o som do nascer do sol, escute quando precisar
8. Invente um novo mapa astral para você, coloque Júpiter bem aspectado
9. Nunca mais fale verbos conjugados no passado. Troque todos por um gesto a sua escolha
10. Viva todos os dias como se a vida fosse uma eterna festa junina
11. Faça agora tudo o que for possível
12. Mude para a próxima história
13. Nomeie os cachorros da sua rua do jeito que você bem entender
14. Faça romance
15. Olhe para o espelho e fale: “que pitêu”
16. Um pouco de droga, um pouco de salada
17. Roube alimentos chiques de mercados caros

COMODIDADE

Allysson Gudu
agudulterado@gmail.com

Acordei às 07:00h da manhã hoje
O dia foi super tranquilo
Mesmo com a mente tão conturbada
19:30hs da noite já estava chegando em casa
E por mais familiar que as ruas me pareçam
A cada esquina só vejo desconhecidos
O contorce do peito
Faz doer até as costas
E por não serem largas
Ficam incômodas como peso do mundo!
Em alguns convívios ultrajantes
Eu enxergo o lado positivo da força
E em outros eu evito mesmo
A fadiga e o mal estar
O sórdido fingimento passou...
Demorado e lento foi esvaído
Passou...
Tem gente boa que é melhor evitar!

EMPREITADA

Um caminho é o bastante.
Tantos reclamam da estrada,
mas muitos sofrem
por não terem aonde ir.

Medo maior
é o de não saber:
escuro profundo,
insano e tortuoso labirinto.

Por mais difícil
que seja o percurso,
será mais fácil
que não tentar chegar.

Mesmo para os que não acreditam,
o maior inimigo daqueles que pensam (ou não)
é o rastro destrutivo da consciência.

E contra ele
não fazem efeito
nem os melhores travesseiros.

André Luis M. Galvão
almgalvao@uol.com.br

ÁGUA VIVA

Marina Dias Paiva

Uma água farta e pura
Pôs-se a jorrar do alto
Atingiu meu corpo nu
Expulsando todos os farrapos

Tão gélida e devastadora
Respandi com desgosto
O arrepio da pele
Foi se acalmando aos poucos

A água, então, percorre o corpo,
Adaptando-se ao calor sutil,
Cobrindo meu Ser
De amor e gozo



Esperança
Escultura por **Isabela Saramago**

Vivo numa cidade
Onde as ruas são dos carros.
Onde a água é mal tratada.
Rios como depósitos de lixo.
Muitas casas sem esgoto.
Pessoas inseguras, famintas.
Eu fui o ontem.
Sou o hoje.
Me chamo Esperança!

Isabela Saramago, 2018



Esperança
Escultura por **Isabela Saramago**

SAUDADE DO CHÃO DE TERRA

Elidiomar R. da Silva
elidiomar@gmail.com



Quando a terra virou asfalto
Tanajura sumiu do chão
Jia sumiu do chão
Gongolo sumiu do chão
Cobra-cega sumiu do chão
Quando a terra virou asfalto
Canário sumiu do céu
Tiziu sumiu do céu
Estrela sumiu do céu
Vagalume sumiu do céu
Quando a terra virou asfalto
Estrela sumiu da praia
Siri sumiu da praia
Tatuí sumiu da praia
Cavalinha sumiu da praia
Quando a terra virou asfalto
Boitatá sumiu da prosa
Pererê sumiu da prosa
Curupira sumiu da prosa
Mãe d'água sumiu da prosa
Quanta saudade
Da cadeira no portão
Da serenata na janela
Da seresta na esquina
Do pião rodando no chão
De quando o chão era de terra

ANTIGAMENTE DIZIA-SE QUE PERGUNTAR NÃO OFENDE...

existe uma terra prometida
(não é aqui)
e existe uma terra permitida
(é esta mesmo)
e na terra permitida nós vivemos
sonhando que não
sonhamos com a terra prometida.

mas qual é a promessa
e qual a permissão?

quem tal nos permitiu
e porque prometeu?

a promessa era mesmo para cumprir?
então porque não foi cumprida?

onde está a terra
(e a vida)
que nos é devida?

António Vitorino
antoniovitorino@mailfence.com

PAPO DE ARTEIRO

Em tempos de culto a celebridades PAPO DE ARTEIRO foi às ruas, zona de familiaridade deste fanzine, apresentar para ponderações aos abaixo qualificados o seguinte trecho do clássico da dramaturgia “O Rei da Vela” de Oswald de Andrade:

“Imagine se vocês que escrevem fossem independentes! Seria o dilúvio! A subversão total. O dinheiro só é útil nas mãos de quem não tem talento. Vocês escritores, artistas, precisam ser mantidos pela sociedade na mais dura e permanente miséria! Para servirem como bons lacaios, obedientes e prestimosos. É a vossa condição social!”

Alê Coelho (*Instrutor de zumba a procura de editora para publicação de Lições para um Corpo Mara*): Discordo to-tal! É tudo uma questão de networking. Desde que me profissionalizei como artista corporal e mais recentemente como autor, eu cavo meu espaço como um gladiador. Meu próximo *reveillon* será em Noronha e daí em diante minha



estrela brilhará dentre os tops (gargalhadas).

Moana Mina (*Pseudônimo de Zora Silva, cantora anarco-feminista componente da banda Peitos Molotov*): A fala que o Oswald pôs na boca do seu personagem capitalista é precisa porque além de desnudar o aspecto parasitário da acumulação burguesa de bens, escancara a consciência de classe que os ricos possuem sobre sua tarefa opressora da criatividade e da independência. Se eu estivesse na Semana de 22, engolia ele (sic) todinho (risos).

Seu Zé Chapéu (*Artesão de esculturas em areia na praia de Copacabana/RJ*) Eu sempre disse pras minhas filhas:

Estudem que arte não dá camisa a ninguém! Mas eu até que não fiz feio. Nunca faltou nadinha lá no barraco (lágrimas). Todo mundo aqui nessa praia me conhece. E se quiser tirar foto tem que pagar ou pedir com educação. Sem essa de lacraio (sic).

por **Eduardo Sacramento**
sacramento.eduardo74@yahoo.com
foto: **Simone de Beauvoir, Sinhá Olímpia**
e **Sartre em Ouro Preto MG. 1960.**

FLOR DA PELE

Felipe Leal
felipe_la2@hotmail.com

Deitou a milésima primeira noite
sozinho. Nu e sabendo-se
estranhamente, satélite.

Pálido. Hélice

suspensa no verão. Se caísse finalmente
morria

(pensou no escuro da flor) Quis.

Toda cidade do mundo quer nosso sangue, quer uma de
nossas vértebras quebrar... Ou um braço arrancar.
Arrumaremos nossos sonhos - A noite talvez não virá
Arrumaremos nossos olhos - O breu talvez nunca venha a
passar.

Todos os olhos comem nossos destinos e todos os outros
olhos querem nos segurar nas suas teias de vidro e ácido
Arrumaremos hoje nosso tempo, aqui, onde as horas não
passam...

Arrumaremos nosso rosto para que as lágrimas que não
têm vez escorreguem sem caudalar dores maiores em
nossa alma.

Somos um amontoado de restos, restos felizes.

Seguimos esperando o findar das alegorias que a vida
empresta ao corpo numa tentativa de ludibriar todo e
qualquer ímpeto de rebeldia.

Rômulo Ferreira
fb.com/silhuetaartzine

Será preciso muita coragem para o que eu vou fazer agora. Dizer para o nada e para o ninguém. Me arriscar à enorme decepção da pobreza do sentimento verbalizado. Terei que transformar o abstrato em concreto - trabalho dos poetas. Como eu posso dizer que o meu maior medo é exatamente em relação a dizer? Meus sentimentos não são médios, não sei o que é o neutro. Eu transbordo na minha autobiografia sem fatos. Essa é a minha confissão, e nela não há vida. Não sou o que os outros me veem ser, sou muito mais aquilo que em mim não é. Se não sou única por ser imperfeita, pois o imperfeito é tudo, sigo vivendo sem saber que tenho vida, alheia ao próprio destino. Vim livremente dizer o que fatalmente imagino que sou e assim corro o risco de encontrar a realidade.

Gabriela Barbosa
rocha.gabrielab@gmail.com

HUMILHADOS

Leandro Serpa
serpaleandro36@gmail.com

Somos nós que ali estamos.
Catando migalhas.
Contando moedas.
Andando, morrendo na calçada.
Somos os milhares.
Pisoteados.
Humilhados.
Ali estamos.
Apodrecendo.
Ossos, olhos vazados.
Furados.
Ali estamos.
Venerando nosso carrasco.
Ali estamos.
Sofrendo na Cruz.
Nossa face não a enxergamos.
Não sabemos quem somos.
Muito menos conhecemos aquele que causa nossa morte.

DOBRAR

inventar	incêndios
enterrar	os mestres
ascender	as velas
encontrar	estranhos
caminhar	incerto
martelar	estacas
destampar	o choro
investir	em selvas
arrumar	briga:
procurar	abismo,
confiar	em facas.
esgueirar	em frestas
escrever	em cantos, quinas-
mesas	ao fundo.
escrever	em festas
escrever	

O TEMPO

Bruno Alves
alvsbruno@gmail.com
@brunoap2

A RESISTÊNCIA...

Guirmano
guirmano@guirmano.com

Quando fazemos uso das reticências, indicamos uma omissão proposital, trata-se de uma insinuação que vai um pouco mais além do que a sua concepção original. Na verdade, as reticências funcionam como um convite implícito para se imaginar ou mesmo para se discutir acerca de um tema, muitas vezes, representado por uma simples palavra.

Através da escolha das reticências, criamos um novo universo abstrato para a palavra, por meio da companhia dos mais variados adjetivos. No caso específico da resistência, um deles em particular, faz com que ela passe muitas vezes despercebida por entre nós devido a um silêncio bastante peculiar.

Essa silenciosa resistência que talvez seja a mais nobre de todas, tem seu adjetivo no ordinário, no vazio do comum. Esse tipo de resistência é aquela travada, no dia a dia, nas trincheiras da falta de oportunidades. Dessa alcova, o resiliente, o cidadão comum, perante o mar da desigualdade, resiste, ou melhor persiste, pelo seu tortuoso destino, revelando assim aos seus, contundentes histórias de superação.

Dessas páginas, muitas vezes escritas de sangue e de suor, nasce a inspiração para o engajamento social das novas gerações. Note que sempre existiu por trás de cada um dos agentes de qualquer grande mudança, a persistência e a luta aguerrida de uma mãe, de um pai ou mesmo de um avô que resistiu a tudo e a todos. Desse bom combate vingaram sementes em fortes frutos para a colheita da nossa constante evolução.

NADA IMPORTA

Nelson Neto
fb.com/nelsonnetopoemaseilustracoes
@ferreiranelson27

Façamos um mundo
dentro dessas quatro paredes.
Zona autônoma temporária
pois a eternidade é finita
em nossas limitações.

O que em anos não foi dito
em um toque se descobriu.

Sensação de ser
espuma a se desfazer
por inteiro para depois
do êxtase reexistir.

Deusa Mater
com sua divina
vocação de ser porto
desde os tempos de Luzia
Succubus subtropical
em eterna dúvida

Sorriso sincero
em busca de eco,
Espelho.



Córrego do Feijão é um bairro rural do município brasileiro de Brumadinho, no estado de Minas Gerais. A localidade pertence ao distrito-sede do município. No último censo demográfico, foram contados 415 residentes no bairro. Foi oficializado como bairro em 2004, no entanto suas origens remontam às décadas anteriores



Instituto Afinando Vidas

Foto por **Fernanda Vieira**
fb.com/InstitutoAfinandoVidas
instagram: afinando.vidas

As meninas (Fernanda Cruz Vieira Ferreira, Doralice Otaviano, Jussara Otaviano, Jurema Valkiria Otaviano) do Polo de Formação em Terapia Comunitária Integrativa “Afinando a Vida”, deixaram suas dores de lado em São Paulo e foram acolher os moradores de Brumadinho, Tejuco e Córrego do Feijão, a foto a baixo foi tirada no dia 16/01/2019 no Córrego do feijão, momento eternizado em orações.



OBRIGADO

próxima edição
jun/jul/ago 19

PARTICIPE

MANDE SEU MATERIAL
amepoemaeditora@gmail.com
[facebook.com/ameopoema](https://www.facebook.com/ameopoema)
31 - 9 7526 - 3996 (whatsapp)

Alô, idiotas!

Cordiais Saudações. Ligue o rádio, ponha discos, veja a paisagem, sinta o drama: você pode chamar isso tudo como bem quiser. Há muitos nomes à disposição de quem queira dar nomes ao fogo, no meio do redemoinho, entre os becros da tristíssima cidade, nos sons de um apartamento apertado no meio de apartamentos.

Você pode sofrer, mas não pode deixar de prestar atenção. Enquanto eu estiver atento, nada me acontecerá. Enquanto batiza a fogueira – tempo de espera? O mundo sempre gira e o fogo rende. O pior é esperar apenas. O lado de fora é frio. O lado de fora é fogo, igual ao lado de dentro. Estar bem vivo no meio das coisas é passar por referência, continuar passando....

Pessoal intransferível. Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso ou nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso. Almondegário. Meu amigo preferido não me quer ferido pelo chão. Meu amigo mais incrível nunca foi possível em minha mão. Minha amiga mais maluca funde a cuca só pra dizer que não. Minha amiga mais bonita é meu irmão.

Marcha à revisão. Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra – um mundo poluído explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arrebatando, retalho em lascas de corte e fogo e morte como napalm espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: informação. Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas.

Poesia. Acredite na poesia e viva. E viva ela. Morra por ela se você se liga, mas, por favor, não traia. O poeta que trai sua poesia é um infeliz completo e morto. Resista criatura

Torquato Neto

O Suplemento Acre é uma publicação independente (fanzine) que depende de você para seguir sendo independente. contribuições são sempre bem vindas. banco do bra\$il agencia 0473-1 conta 16197-7 fontes diversas - ilustrações e textos cedidos por seus autores. obrigado a todo mundo que acredita na proposta.

TRABALHO ARTESANAL // MONTADO E EDITADO EM CASA

edições anteriores (grátis) em: suplementoacre.blogspot.com ou fb.com/editoraoutrasdimensoes
edições anteriores (versão impressa) 20 pratas cada.